

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.



Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64. onde se subscreve a 4\$000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

Um dos ardiz, a que a facção tem recorrido para se mostrar valente, e para illudir a seus incautos leitores, é fazer suppor, que o grande partido nacional, o partido da monarchia e da ordem, o partido que não reconhece o direito da resistencia armada, em quanto lhe não fôr tirada a tribuna, a imprensa, as eleições e o direito de representação, que em cada um destes direitos, vê o baluarte da liberdade regrada, que este partido, diremos, não só se acfira fraccionado, porêm, que até tem soffrido muitas defeções, tendo muitos dos seus principaes membros passando para as fileiras da facção.

Este ardil não é novo: desde tempos immemoriaes, que todos os belligerantes antes de darêm a acção, elevam suas forças, e diminuem as de seus adversarios, para depois de vencidos ou vencedores, mudarem de linguagem, diminuirer suas forças e elevarem as de seus contrarios. Por este meio se dá animo aos amigos, e desanimo aos inimigos; por este meio se firmam os firmes, se alentam os fracos e duvidosos, e se faz ficar em duvida aos contrarios, que por ventura sejam mais tibios. O ardil é velho; mas como tem sido sempre usado, e força é dizel-o, quasi sempre com proveito, a facção lança ainda mão d'elle, esperando lucrar no negocio; por que em todo o caso não perde.

Aqui na côrte, e na provincia do Rio de Janeiro sabe ella, que baldados são todos os seus esforços, mas o imperio tem mais vastos limites: lá onde as communicações são mais difficeis, onde a illustração é menor, lá poderá aproveitar: para lá pois escreve: um que ganhe, é alguma cousa; nem um que ganhe ainda não perde.

E mesmo deve contar ganhar. Quem são os fidelissimos da facção? quem são os da patriótica suavia do Nacional? O *Pharol* ali o declarou alto e bom som: não fomos nós, que o inventamos; foi o contemporaneo que o disse, e que nos não lude deixar mentir. Os fidelissimos da facção são aquelles, que cercavam o Sr. Limpo, de modo, que, quantas caras elle via já cuidava, que era para lhe

pedir africanos, do modo, que entrando em sua casa o redactor do *Pharol*, o cortejo que lhe fez aquelle ex-ministro, foi o seguinte: — *já sei, que também quer um africano*: — os fidelissimos da facção, são aquelles, que não faziam uma promessa ao gabinete de julho, sem que logo não deixassem um requerimento na mão do respectivo ministro. E' certo, que se ministerio tem havido economico de dinheiro e de graças, tem sido o actual; o casamento de S. A. a Sra. D. Francisca, o de S. M. o Imperador, os annos de S. M. ali passaram, sem que o *Jornal do Commercio* viesse com duas paginas de despachados, e ainda no fim um — *Continuar-se-ha*. — E por ventura não terá havido pretendentes? Não temos entrada nas secretarias d'estado; mas não podemos deixar de acreditar, que os tenha havido. Estes pretendentes não têm sido servidos: logo, cuidam os corripheos da facção, devem estar zangados com o gabinete: devem ser inimigos d'elle; e como o gabinete é composto de alguns dos homens mais proeminentes do partido nacional, devem taes malogrados pretendentes estar zangados com esse partido. Esta é a logica da facção, e que pó-le ter prestimo para os leitores de suas folhas, que só frequentavam a casa do ministro para lhes dar africanos, ou que não faziam promessa sem deixar logo o competente requerimento: *do ut des*.

Mas a facção illude-se grosseiramente, se firmemente assim crê, se grosseiramente procura illudir os seus descautelados leitores. E um exemplo lhe daremos para prova, de que seus adversarios não se levam assim com as primeiras razões. Quando se organisou o ministerio de março, esperavam todos os amigos da ordem, que uma das primeiras dimissões seria a do Tobias; mas Tobias ainda ficou na presidencia por muito tempo: ninguem esperava vêr agraciado um Vergueiro com uma grão-cruz, um Alvares Machado com uma commenda, um Cavalcanti com um titulo; e isso vimos: e cuidou-se por isso que o partido nacional estava dividido, ou antes, que estava inteiramente desmontado. E talvez a essa convicção se devesse a mensagem dos

rufiães e mandis, e as rebeliões de Sorocaba e Barbacena. O que porém aconteceu, todos o presenciámos. A rebelião empunhou as armas; uns porém tiveram de fugir cobardemente, e outros, que se atreveram a resistir, foram obrigados a submeter-se pela força; o partido da ordem appareceu logo, mais compacto, mais forte do que nunca tinha sido.

Desengagemo-nos: o partido da ordem, não é o partido da chuchadeira. Pode ter resentimentos contra um gabinete, ou contra um membro d'elle; mas sabe muito bem separar a causa das pessoas da causa dos principios. Os ministerios ameaçam-se e combatem-se na imprensa, na tribuna, nas eleições; todas as vezes que ha combate com as armas na mão, então a guerra é nos principios; então os principios estão em risco. Aquelles, que ainda o anno passado combateram pelos principios, estarão promptos a novamente combater por elles, se os virem ameaçados. Quando chegar esse dia, não perguntarão quem é o ministro, que os chama ao combate; perguntarão de que lado está o monarcha, e a ordem, e a lei; e proclamando monarchia, legalidade, e ordem, irão arrostrar os miseraveis, que ousarem tentar destruir-nos esses penhores de nossa prosperidade.

NOVO ARDIL PARA ANIQUILAR A IMPRENSA.

E' bem triste a posição daquella, que tendo-se destinado a esclarecer a opinião publica, sobre o que se passa no paiz, se vê obrigado a cada momento a desmentir os seus collegas no jornalismo, e não uma ou outra vez, mas muitas vezes, a cada numero, que apparece da sua folha e da de seus adversarios. E' bem triste a nossa posição, que raro é o dia, em que sahimos a publico, em que não tenhamos de dizer ao *Nacional* e ao *Pharol*: — *é falso: não fallais verdade.* — E tanto mais triste, que quando reprehendemos a publicação desta folha, não contavamos envolver-nos tanto na polemica do dia: esperavamos ir propagando nossos principios; se fossem aceitos, ou recolher-nos aos bastidores, se fossemos repellido pela opinião publica: mas insensivelmente nos achamos neste vasto oceano, obrigado a lutar constantemente, por que constantemente vemos, que se quer desviar o juizo do paiz; e gui-lo a porto de salvamento, foi o primeiro movel, que nos fez pegar na penna. Não desistiremos da obra: iremos por diante: entreter-nos-hemos com o jornalismo, já que por em quanto nos não é permittido pelo espaço de nossa folha, e pelo tempo, que temos á nossa disposição, subir mais alto: gastaremos alguns tiros com essa fera, que se chama falta de verdade, em quanto a acharmos na frente.

Com a epigraphe, que demos a este artigo, escreveu outro o *Nacional*, onde com a desenvoltura, que desde muito lhe é conhecida, falta a verdade conhecida por tal, inventando uma calumnia para fazer cahir todo o odioso della sobre o ministerio. Diz o contemporaneo, que foram chamados os empregados publicos, e se lhes ordenou, que no dia 4 do corrente estivessem cedo em suas repartições, a fim de serem chamados para o jury, visto ter de julgar-se nesta sessão o *Pharol*. Que revoltante alumnia! Qual é o empregado Braileiro de tão baixo

pensar, a quem o ministerio podesse dar semelhante ordem? O actual gabinete ainda não despachou daquelles electores feitos a cacete, e que careceram pedir casacas emprestadas, para poderem comparecer no collegio eleitoral: desses sim: desses poderiam os actuaes ministros ou qualquer outro, chamar boa porção, e ordenar-lhes quanto quizessem, que promptamente obedeceriam: mas os individuos, que têm sido empregados pelo gabinete actual, e rarissimos são, que antes tem despedido, que nomeado, e os que existiam nas repartições, não são capazes de dobrar-se a semelhante ordem. Diga o *Nacional* qual foi o empregado, a que se ordenou tal cousa: aponte um só: um só. E se o não apresentar, como não é capaz de apresentar, tenha paciencia o *Nacional*, é um calumniador: calumniador atroz.

Sim: calumniador e calumniador atroz, por que faz ao governo a mais aviltante imputação: e outra igual faz a todos os empregados publicos. Suppoem o governo capaz de subornar alguem para dar uma sentença seja em que sentido fôr; e suppoem os empregados publicos capazes de serem subornados para tal fim.

Este gabinete tem deixado livres os juizes nas causas mais importantes. Pela lei das reformas do codigo do processo tinha a faculdade de escolher para julgamento dos réos de Minas e S. Paulo os logares das duas provincias, que bem quizesse. Se pois lhe parecesse, podia primeiro que tudo fazer conduzir um réo a centos de leguas de distancia, fazendo-lhe assim soffrer uma perseguição; para o que tivera bons exemplos no passado, como foi o de L. fuente, e outros; e em segundo logar podia ter mandado a todos para algum logar, onde contasse com numerosos amigos, ou ao menos onde algum juiz organisasse um jury accommodado, e ahi fazer julgar a todos: desse modo teria todos condemnados. Porém nada disso fez: os réos foram julgados onde mais commodo lhes foi: os jurys foram organizados como os réos quizeram: de modo, que todos sahiram absolvidos.

E cumpre notar, que em falta de jurados, não é o promotor nem o juiz quem chama supplentes: são os outros jurados; e por isso dizemos, que os jurys foram organizados como os réos quizeram.

E se o gabinete procedeu assim a respeito de José Pedro, padre Marinho, e outros: se aqui na côrte nomeou conselho de guerra para Tobias, pela escala do quartel general, havia de commetter indignidade tão grande para fazer condemnar o miseravel *Pharol*, que nem tem principio, nem fim, cujas doutrinas ahi são pregadas a esmo? O *Pharol*, que nos fez o relevantissimo serviço de descobrir os podres da *patriotica sucia do Nacional*, como elle mesmo disse? Só por esta denominação dada á gente do *Nacional* mereca elle contemplação, e muita contemplação.

Temos-nos demorado sobre esta materia, para fazer sobresahir o caracter do *Nacional*, e não para justificar o gabinete da accusação, que lhe elle faz, que é tão abeurda, que ninguem nella acredita. E' preciso, que o publico avalie bem o que vale o contemporaneo: que se vê obrigado a recorrer a semelhantes calumnias, para poder encher as suas doze columnas.

Crêmos bem, que não espera elle ser acreditado na côrte: taes calumnias são para as provincias: é lá para o longe, que valem essas cousas: mas enana-se ainda assim, por que não é só o *Nacional*, que lá chega.

Para que precisava o governo ordenar aos empregados,

que fossem mais cedo para as repartições? As repartições publicas abrem-se as 9 horas, e o jury abre-se as 10 horas. Pois ás 10 horas não haveria nas repartições publicas, numero de empregados sufficientes, para preencher os jurados, que faltassem?

O bom do *Nacional* nem ao menos repara, que diz absurdos: em seu favor vai calumniando a torto, e á direita, e se pegar, pegou. Se o contemporaneo tivesse por fim o bem do paiz, pediriamos-lhe, que desse mais attenção ao que lhe contam; que pensasse um pouco, e só contasse o que ao menos tivesse ares de verosimilhança. Mas como vemos, que a folha da facção tem fins muito particulares, rogamos-lhe com muita instancia, que continue do mesmo modo: — andar assim, que é bom andar.

CRITICA DE UM ROMANCE.

O *Nacional* deu em romancista, e começou adoptando o genero sentimental: haja vista ao seu n.º 70, em que se estreou. Desde seu começo, que o contemporaneo tinha mostrado muita propensão para semelhante genero de escriptos: sua imaginação se não é viva e animada para as descripções, todavia é fértil em invenções, e cada numero seu nos dava disso exuberantes provas. Por fim appareceu. Vejam este trecho: falla-se da provincia de Minas, logar escollido para a acção: — *duravam ainda as saturnaes da conquista, as orgias sangrentas da victoria: signaes de terror e desconfiança profunda, que a prudencia mal podia occultar*, (e para que se haviam de occultar? aqui sincou o contemporaneo:) *resfulgiam em todos os rostos, quer no centro das villas, quer no meio dos campos.* —

Parece-nos algum fragmento do chronista do diabo no visconde de Beziers ou no conde de Tolosa! Depois de uma descripção neste genero, entra a acção.

Por meio dessas minas fumegantes caminhava o general Andréa: affadigado pela jornada e pelo ardor do dia. Optimamente neste caso, qualquer outro sentar-se-ia á margem de algum fresco regato, á sombra de alguma boa arvore: que de formosas aguas e copadas arvores ha abundancia na provincia de Minas. Porém, qual? o Sr. Andréa foi bater ao gremio de uma pobre e honesta familia. Não lhe gabamos o goeto, por que não estaria muito á sua vontade, e por que ia dar incommodos a essa pobre gente, cousa para nós a mais insupportavel, que ha no mundo: dar incommodos, nunca! Se o contemporaneo dissera, que pretextando calor e sede, pedira repouso, mas que seu fim era conversar sobre o estado da provincia, fóra verosimil; e a verosimilhança é uma das leis do romance; mas então não fóra romantico. Ora, advertam os meus leitores, que junto dessa casa havia uma fonte, e que os habitantes da casa tiravam agua em vaso de barro: não havia necessidade de incommodar essa pobre gente, para beber agua em vaso de barro tirada em fonte visinha.

Mas vamos ao melhor. Tres moças, mas que moças? formosas, e

“ *Por cima diato donzellas!* ”

tres moças formosas e donzellas apparecem ao velho general. Ah! magando: logo tres: o que valeu foi ser velho, quando não podia haver alguma tentação. E tres moças formosas e donzellas moravam ali n'uma casa sózinhos, a alguma distancia da estrada, e davam pousada a um desconhecido! por que o general caminhava inco-

gnito na fórma do seu costume! Ah! tempos! tempos! parece-nos, que estamos lendo o *Palmeirim de Inglaterra* ou o *Anadis de Gaula*.

Falta-nos uma circumstancia: é saber o logar, onde o caso aconteceu; por que não ha ahí chroniqueiro nem um de *Carlos Magno* nem de *Palmeirim de Oliva*, nem de outros heróes semelhantes, que nos não diga os logares, onde aconteceram as aventuras, e com tão circumstanciada descripção, que qualquer cego lá vai ter. Vamos por tanto ver onde aconteceu *esta tão verdadeira como maravilhosa historia*. Foi... peor é que não achamos! foi... a alguma distancia da estrada da villa de... tres pontinhos! Encha por tanto o leitor á sua vontade: ponha a villa, a estrada, fixe a distancia, e imagine para a direita ou para a esquerda, que tudo isso deixou o *Nacional* ao arbitrio de cada um: isso não se dignou elle revelar-nos. Assim era elle tolo! Se se tratasse ahí de alguma velha feia, rabugenta, então não teria duvida descobrir o segredo: porém tres moças, formosas, e donzellas! Lá iam os leitores do *Nacional* ver essa maravilha, e ficava elle sem leitores. Nada: nem o contemporaneo as quer expor a ellas e a elles á alguma tentação.

E sabem o que fizeram as tres moças, formosas, e donzellas? distrahiram o velho general das impressões melancolicas, que acabava de receber. Se levantamos algum f.iso, é sobre a fé do *Nacional*: elle é que o diz. Ah! Sr. Andréa, Sr. Andréa! V. Exc. um homem já velho, casado, pai de filhos, e não sabemos se avô de netos, que parecia tão serio, distrahirando-se com moças e logo tres! por isso foi bem feito, que teve logo o pago: levou mesmo nas bochechas a mais solemne descompostura, que se póde dar: chamaram-o nada menos que tyranno, sem misericordia, barbaro, e até carrasco!

Mas o Sr. Andréa, que alma grande! ouviu tudo com imperturbavel seguridade: continuou sua viagem, e da capital da provincia mandou ás tres moças um ordenança com algumas peças de ouro, para comprarem cópos. — Não se riam, meus leitores: é o *Nacional*, que o diz, e cuja verdade affiança (ou garante, que é a palavra, de que usa) Qualquer outro daria logo o presente, sem ser preciso meter um ordenança no meio, que lá nesses ermos podia fazer alguma das suas: mas isso era muito prosaico: e dava logo fim ao conto: o ordenança, que vem substituir o escudeiro dos antigos paladins, dá um realce á historia, que poucos entendimentos poderão devidamente avaliar.

Como o general mandou buscar os nomes dos que haviam roubado as tres moças, pedimos ao contemporaneo, que nos diga, que destino deu a esses individuos.

“ *Lhe peço, que não faça tal desvio* ”

“ *Do caso de Magriço e vencimento,* ”

“ *Nem deixe o d'Allemanha em esquecimento.* ”

O que porém já ficamos sabendo, é que o Sr. Andréa, que leu á sangue frio, e do mesmo modo ouvia todas as descomposturas, que ahí lhe tem sido dadas na tribuna e pela imprensa, desde a tal conferencia com as mulherinhas, ficou com horror á sua propria fama! Mulheres! mulheres!

“ *Mole se fez o fraco: e bem parece:* ”

“ *Que um baixo amor os fortes enfraquece.* , ,

QUESTÃO DE BUENOS-AYRES.

A attenção que temos dado aos negocios do sul, e o interesse, de que os supponmos, nos tem feito escrever muitos artigos a respeito delles; e em o nosso numero 31 escrevemos sobre as notas entre o nosso ministro em Buenos-Ayres, o Sr. Ponte Ribeiro, e o governo argentino. O *Brasileiro Imparcial*, que por certo em suas acções não corresponde a seu nome, censura vivamente pelo *Diario do Rio*, o que então dissemos. Vamos cuidar em responder-lhe, analysando o seu artigo.

A primeira censura, que se nos faz, é que tratamos da materia sobre a inspiração do furor dos partidos. De que partidos se falla? Se nosso adversario se refere aos partidos de Rosas e Oribe, por um lado, e Fructo por outro, de *selvagens unitarios e selvagens federalistas*, está em perfeito erro. Nas questões, que devidem o nosso paiz, temos a nossa opinião, que expendemos com a linguagem, que podemos, mas não com furor: nas questões, que dividem os povos estranhos, não temos partido: por nós tanto vale Rosas como Fructo, e Oribe um pouco menos. Expliquemos; Rosas vale tanto como o chefe da confederação argentina. Fructo vale tanto como o presidente da cisplatina; Oribe vale tanto como um general, que não se tendo sabido ou podido manter nessa presidencia, a abandonou, e agora volta a reaver a frente de um exercito estrangeiro. Entre unitarios federalistas não nos pronunciamos: olhamos essa questão pela influencia, que póde ter sobre o imperio. Desejamos muito, que todas as nações vivam em paz interna e externa; mas se não quizerem, lá se avenham, que lhes não tomaremos contas por isso, nem nos arvoraremos seus juizes.

Somos censurado pelo *Brasileiro Imparcial* por que accusando o governo argentino do estylo, que empregou em suas notas, cahimos no mesmo defeito, usando de estylo sarcastico na materia, e a respeito do general Rosas. Pois estamos nós na mesma posição, que o governo argentino? estamos obrigado, a guardar o mesmo estylo, cuidavamos que as notas, que um ministro de uma potencia dirige a um ministro de outra potencia, eram cousa muito mais seria e reflectida do que tem obrigação de ser um artigo de periodico. Sem caracter algum official, livre e inteiramente livre em nossas opiniões, a lei do paiz tambem nos declarou livre quanto ao estylo, estabelecendo-nos apenas alguns limittes, que por certo ainda não transcendemos. Porém o governo de Buenos-Ayres não tem a mesma liberdade, que nós, quando se dirige a um governo estranho. E, muito má officio lhe faz o *Brasileiro Imparcial*, se o quer rebaixar á condição de um periodiqueiro. — *Teriamos visto nessas notas a energia franca e decidida de um governo ferido em sua dignidade e interesses* — Desinteresses póde ser, dignidade não: nem o Sr. Sinimbú, apesar de seus erros, que reconhecemos, nem outro algum diplomata Brasileiro, e menos ainda o governo feriu o governo argentino em sua dignidade. E dado ainda que assim fosse (o que negamos) autorizava isso o governo argentino a descer ás mais baixas personalidades, e á chamar insolentemente estúpido, insensato, e outras quejandas bagatellas a um ministro acreditado pelo Brasil? Se esse individuo ferisse, o que negamos, a dignidade do governo argentino, ficava este por isso autorizado a descer de sua dignidade, e a entrar em discussões pessoais, invectivas e injurias? Para repellir com energia, não é

isso necessario; pelo contrario semelhante estylo tira toda a energia ao papel, em que é empregado. Ha regras de decencia e polidez, que entre si guardam as pessoas de mais mediocre condição, e que foram preteridas naquella occasião pelo governo argentino.

O gabinete argentino tributa justa homenagem ao governo imperial, diz o *Brasileiro Imparcial*. Quando? nessas notas? Só se é quando diz, que pretende encobrir vistas insidiosas. Lá se acham estas palavras: se ellas são demonstração de justa homenagem, se são de polidez, declaramos, que nada sabemos a respeito de estylo e decoro.

Nunca justificamos o Sr. Sinimbú: nunca: nesse artigo, de que falla o contemporaneo. duas vezes diremos, que nos persuadimos, que errou: não omittimos nosso juizo definitivo sobre a questão, por que não temos a lossa disposição o gabinete dos negocios estrangeiros, para poder avaliar tudo o que houver, que só então poderemos fallar com affizeza; mas pelo que vemos e ouvimos, cuilamos, que errou o Sr. Sinimbú: duas vezes o dissemos nesse artigo: como então o justificamos? Expendemos os motivos por que procedeu, mas na mesma occasião fizemos ver a sua improcedencia, é isto justificar? O *Brasileiro Imparcial* parece desconhecer a força das palavras da lingua em que escreve. E repetimos: qualquer que fosse o procedimento do Sr. Sinimbú, nunca o governo argentino estava autorizado para escrever semelhantes notas: podia, devia repellir qualquer aggressão, se julgava, que lhe havia sido feita injuria; mas não podia, não devia fazer de uma questão de nações, questão de regateiras; as faltas do Sr. Sinimbú, não justificam as do governo argentino: mostrasse sua surpresa em estylo decente. E muito má ideia da moralidade dos argentinos dá o contemporaneo, se nos quer fazer suppor, que para os satisfazer foi necessario, que o governo do paiz descesse a tal baixeza. Não faremos essa injuria aos cidadãos de Buenos Ayres. (Continúa.)

NOTICIA IMPORTANTISSIMA.

Sabem que mais? O redactor do *Pharol* vive fóra do municipio da cõrte, conversando com os mortos, quando a molestia por algumas horas o deixa, sem diante de si sómente o mar e as montanhas. Isto é romance pathetico! O contemporaneo conversando com os mortos! Tendo só diante de si mar e montanhas! Apague! Que tristissima vida! Se tivesse rio e campinas! Por isso os seus quadros são todos tão lugubres, tão carrancudos: quadros em que entram defuntos!...

DECLARAÇÃO.

Na carta, que o Sr. Saturnino nos dirigiu pelo *Jornal do Commercio*, le-se este periodo: — *Creio ter sido tão franco, como V. S. exige, e espero da sua imparcialidade a publicação das explicações, que de mim reclamou.* — Estas palavras nos fizeram acreditar, que S. Exc. apesar de ter feito publicar sua carta pelo *Jornal do Commercio*, nol-a mandaria tambem para que a publicassemos: mas até hoje a não recebemos. Fazemos esta declaração, para que não supponha alguém, que recusamos dar-lhe publicidade.